

# Desespero dos mortos-vivos marcou reta final

*Sem saber se estavam na lista de cassações, políticos trabalharam duro na última hora para se salvar*

JOÃO DOMINGOS  
e GUILHERME EVELIN

**B**RASÍLIA — Nos quatro dias que antecederam a divulgação do relatório final da CPI do Orçamento, o deputado Uldurico Pinto (PSB-BA) — olhos esbugalhados, andar apressado, cabelo em desalinho e roupa amarrotada — vagou pelos corredores do Senado, dia e noite, como um zumbi. Uldurico encarnou o melhor exemplo de uma nova categoria de parlamentares que apareceu no final dos trabalhos da CPI: a dos mortos-vivos. Aqueles que até a conclusão do relatório do deputado Roberto Magalhães (PFL-PE) estavam numa espécie de limbo, sem saber se seriam apontados ou não para cassação.

Na mesma condição de morto-vivo, o deputado Paes Landim (PFL-PI) era outro que zanzava pelos corredores do Congresso à procura de informações sobre sua situação. Quando já tinha como certo que escaparia do limbo, chegou à subcomissão de patrimônio uma denúncia anônima, segundo a qual sua mãe, que mora no sertão do Piauí, é milionária. Instalou-se o terror na cabeça dele. "O que minha mãe tem a ver comigo?", perguntava.

O horário de verão o salvou. Por volta das 22 horas de terça-feira, o deputado acionou o irmão, em São João do Piauí, para ir até Teresina embarcar, no primeiro avião para Brasília, um documento que comprovaria não ter ele nada a ver com as posses da mãe. "Ainda bem que no Piauí não tem horário de verão", festejou. O irmão gastou cinco horas de carro até Teresina e alcançou o voo, que decolou às 5h30, com o documento a bordo. Às 9h30, Landim entregou as certidões ao senador José Paulo Bisol (PSB-RS), coordena-



A cúpula da CPI: Jarbas Passarinho, Garibaldi Alves, Benito Gama, José Paulo Bisol, Roberto Magalhães e Sigmaringa Seixas

nador da subcomissão de patrimônio. Desesperado, o deputado gritava pelos corredores do Congresso: "Eu não mexo com empreiteiras, esse povo é murrinha." E acrescentava: "Meu negócio é outro."

O deputado Pinheiro Landim (PMDB-CE) também andava pelos corredores próximos às salas da CPI suando como um trabalhador que descarregou um caminhão de tijolos em pleno meio-dia. Enquan-

to enxugava o suor que não parava de escorrer, mostrava, para quem quisesse ver, uma conta telefônica da Teleceará, atestando que um fax da empreiteira Engexata, pedindo liberação de verbas do Ministério da Integração Regional, não fora mandado de seu escritório, como suspeitava a comissão. "Suei frio", admitiu. "Foi a mão de Deus que impediu que minha secretária deixasse passar o fax do meu escritório".

Os mortos-vivos também eram vítimas da guerra de nervos promovida pelos adversários, usando panfletos anônimos. Uldurico, que transferiu toda a família para Brasília e transformou cada parente em outro zumbi, como provavam as olheiras da mulher e do sogro, foi um dos alvos da tática de guerrilha de grupos rivais na Bahia. Contra ele circulou um panfleto, assinado por um certo "brasileiro indignado",

acusando-o de ser "ladrão" e mentor do acordo que livrou os deputados Miguel Arraes (PSB-PE) e Roseana Sarney (PFL-MA) da CPI.

A tática de guerrilha foi usada ainda para intimidar integrantes da CPI. Empenhado em livrar o governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz (PP), o senador Pedro Teixeira (PP-DF) não foi nada sutil. En-

viou ao deputado Zaire Rezende (PMDB-MG), da subcomissão de patrimônio, um envelope lacrado, com o timbre de "confidencial e urgente", com uma ação popular contra o parlamentar mineiro. Junto, um bilhete com a transcrição de um versículo do Evangelho de São Lucas: "Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados".

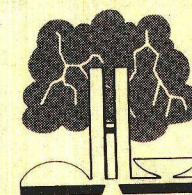
Conhecida por seu temperamento explosivo e seu linguajar, a deputada Raquel Cândido (PTB-RO) levou o deputado Nelson Trad (PTB-MS) a se esconder durante toda a quarta-feira. Desesperada ao saber que seu nome estaria na lista dos apontados para cassação, ela quis comprometer-lo, mas Trad, que é da subcomissão que descobriu as falcatruas da colega, temendo por sua segurança, preferiu desaparecer. Raquel perambulou atrás dele durante horas e não o encontrou.

Entre os mortos-vivos, o comportamento de um destoava. Como se comemorasse um gol, o deputado

Eraldo Tinoco (PFL-BA) deixou o gabinete de Bisol aos gritos e aos pulos: conseguiu convencê-lo de que não enriquecera ilícitamente. Bisol também foi vítima dos panfletos anônimos. Coordenador da mais severa subcomissão, foi acusado de ter invadido um terreno no Lago Sul, em Brasília.

No meio da confusão, o deputado Roberto Rollemberg

(PMDB-SP), espirituoso, comparava os corredores da CPI aos de um hospício. E recitava frase que viu num sanatório espanhol. Para ele, a sentença caía como uma luva para descrever a condição dos mortos-vivos: "Todos os que estão aqui, são; mas nem todos os que são, estão".



**F**OI DEUS QUE  
IMPEDIU MINHA  
SECRETÁRIA DE  
PASSAR O FAX